



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE TOCANTINÓPOLIS  
CURSO DE GRADUAÇÃO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO**

**LARA HANNA RIBEIRO FEITOSA**

**A COSMOVISÃO DOS MORADORES DO POVOADO PASSARINHO EM  
RELAÇÃO AOS INDÍGENAS APINAJÉ DA ALDEIA PRATA EM  
TOCANTINÓPOLIS-TO**

**TOCANTINÓPOLIS - TO  
2019**

**LARA HANNA RIBEIRO FEITOSA**

**A COSMOVISÃO DOS MORADORES DO POVOADO PASSARINHO EM  
RELAÇÃO AOS INDÍGENAS APINAJÉ DA ALDEIA PRATA EM  
TOCANTINÓPOLIS-TO**

Monografia apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Tocantinópolis para obtenção do título de Educação do Campo com habilitação em Artes e Música, sob orientação da Professora Mara Pereira da Silva

**TOCANTINÓPOLIS - TO**

**2019**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

F311c Feitosa, Lara Hanna Ribeiro .  
A Cosmovisão dos Moradores do Povoado Passarinho em  
Relação aos Indígenas Apinajé da Aldeia Prata em Tocantinópolis-  
TO. / Lara Hanna Ribeiro Feitosa. – Tocantinópolis, TO, 2019.  
44 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins –  
Câmpus Universitário de Tocantinópolis - Curso de Educação do  
Campo, 2019.

Orientadora : Mara Pereira da Silva

1. Povos indígenas. 2. Apinajés. 3. Entrevistas narrativas. 4.  
Cultura. I. Título

**CDD 370.91734**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de  
qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que  
citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime  
estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da  
UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

LARA HANNA RIBEIRO FEITOSA

**A COSMOVISÃO DOS MORADORES DO POVOADO PASSARINHO EM  
RELAÇÃO AOS INDIGENAS APINAJÉ DA ALDEIA PRATA EM  
TOCANTINÓPOLIS-TO.**

Monografia apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Tocantinópolis, Curso de Educação do Campo com Habilitação e Artes e Música, foi julgada adequada para a obtenção do título de licenciado(a) em Educação do Campo com Habilitação em Artes e Música e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Orientadora: Mestre Mara Pereira da Silva.

Data de Aprovação 08/02/2019.

Banca Examinadora:

Mara Pereira da Silva

Profa. Ms. Mara Pereira da Silva, Orientadora, Universidade Federal do Tocantins, Campus de Tocantinópolis

Judite da Rocha

Prof. (a) Ms. Profª. Ms. Judite da Rocha, Examinadora, Universidade Federal do Tocantins, Campus de Tocantinópolis

Gustavo Cunha de Araújo

Prof. Ms. Gustavo Cunha de Araújo, (representante) da Prof. (a) Mª. Cássia Ferreira Miranda, Universidade Federal do Tocantins, Campus de Tocantinópolis.

Dedico este trabalho à Deus e à minha família, em especial meus pais Raimunda Ribeiro F. Feitosa e Raimundo Alves Feitosa, e minha irmã Karen Cristina R. Feitosa que a todo momento estiveram me dando forças para trilhar esse caminho de sabedoria constante.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus pelas conquistas que tive em todas as ocasiões, sejam elas na minha vida pessoal, acadêmica e/ou profissional, só tenho imensa gratidão. Por todo momento de fé e forças que tive, sempre superando os obstáculos com a presença do senhor Jesus na minha vida. Também as pessoas mais especiais para mim: meu pai e minha mãe, meus eternos agradecimentos Raimunda Ribeiro F. Feitosa e Raimundo Alves Feitosa, foi através dos seus ensinamentos e dedicação que hoje estou realizando mais um grande sonho. Trilhando junto com vocês é que encontro força a cada passo dado, superando meus limites e dificuldades, sem vocês não estaria aqui, obrigada a cada conselho, apoio, incentivo para que hoje eu me tornasse uma mulher digna de conhecimento e estar concluindo uma graduação, são meu alicerce e base de tudo. Agradeço também a minha irmã Karen Cristina R. Feitosa e meu primo Bruno Alves Feitosa, por muitas vezes na hora do desânimo, me encorajar a prosseguir, vocês foram um porto seguro nas horas difíceis. Agradeço em especial também minha orientadora Ms. Mara Pereira da Silva que não mediu esforços para que esta pesquisa fosse concretizada, sempre me incentivando, a continuar e melhorar a cada instante. Agradeço também as professoras da banca de avaliação deste trabalho por terem se disponibilizado em realizar a leitura e deixar suas contribuições. Assim como também aos campos dessa pesquisa, Aldeia Prata e Povoado Passarinho, que me deram a liberdade, de obter os dados possíveis para a realização desse trabalho. Muito *obrigada!*

*“Que todos os nossos esforços estejam sempre focados no desafio à impossibilidade. Todas as grandes conquistas humanas vieram daquilo que parecia impossível”.*

**Charles Chaplin.**

## RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo investigar a cosmovisão dos moradores do Povoado Passarinho, em relação aos povos Apinajés, considerando a proximidade do povoado com a Aldeia Prata ambos localizados no município de Tocantinópolis-TO. A metodologia adotada foi pesquisa autobiográfica utilizando, para coleta de dados dos entrevistados, entrevistas narrativas, como uma forma de validar as falas dos sujeitos. A entrevista narrativa visa estimular e até mesmo encorajar o sujeito entrevistado (informante) a contar algo sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social, por meio de pergunta geradora. É importante mencionar que foram selecionados não indígenas que moram na comunidade Passarinho e os que moram dentro da Aldeia Prata. A entrevista tinha como foco investigar a visão dos mesmos sobre a cultura Apinajé através das suas relações interculturais. Dessa forma os resultados evidenciam que, os moradores do povoado Passarinho não demonstram poucos pensamentos equivocados sobre os índios da Aldeia Prata.

**Palavras-chave:** Povos indígenas. Apinajés. Entrevistas narrativas. Cultura.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1 - Interior da Aldeia Prata.....</b>	<b>28</b>
<b>Figura 2 - Povoado Passarinho, TO-210.....</b>	<b>30</b>

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

LEDOC	Licenciatura em Educação do Campo
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TOC	Tocantinópolis
UFT	Universidade Federal do Tocantins

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2 LEITURAS PARA SUSTENTAÇÃO DA PESQUISA.....</b>	<b>16</b>
2.1 O povo Apinayé.....	16
2.2 Cultura.....	20
2.3 Visão do não índio sobre o indígena.....	22
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>26</b>
3.1 O campo empírico: povoado passarinho e Aldeia prata.....	28
<b>4 ANÁLISES E INTERPRETAÇÕES DOS DADOS COLETADO.....</b>	<b>31</b>
4.1 A cosmovisão dos moradores sobre os indígenas.....	31
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>37</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>39</b>
<b>ANEXO.....</b>	<b>42</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O nosso território brasileiro é rodeado de aldeias, de culturas e povos diferentes, tratando-se dos povos indígenas, de acordo com Bessa Freire (2016) são mais de 200 etnias distribuídas em diversos Estados e cidades do Brasil, chegando a ter 188 línguas diferentes, pertencendo a vários grupos étnicos, o que ocasiona uma imensa diversidade.

Deste modo, podemos pensar como os moradores do Povoado Passarinho percebem a imagem dos indígenas da etnia Apinajé, povo esse que tanto se faz presente no cotidiano da comunidade. Assim, o presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como tema as relações interculturais entre os moradores do Povoado Passarinho e os povos Apinajé que moram e vivem na Aldeia da Prata, em Tocantinópolis-TO. E que focaliza conhecer as visões de mundo atribuídas pelos moradores do povoado passarinho (TO), em relação ao povo Apinajé da Aldeia da Prata, considerando a proximidade do povoado com a aldeia, que possibilita a convivência no dia a dia.

O interesse pelo tema surgiu durante o Curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEDOC) com habilitação em Artes e Música, da Universidade Federal do Tocantins (UFT), na cidade de Tocantinópolis-TO. Sobretudo durante as disciplinas de Estágios I e II, nas quais tivemos o prazer de estagiar na Aldeia Prata, como também em discussões em sala de aula, nas disciplinas que abordaram atividades que dialogavam com a temática indígena e convivência com um dos colegas indígenas Apinajé da turma.

Outro motivo que me levou a querer investigar esse tema foi à curiosidade em verificar a visão dos moradores do povoado que moro sobre os indígenas Apinajé, saber quais os significados que eles atribuem nessas trocas entre indígenas e não indígenas, considerando as riquezas culturais que temos tão próximas, analisando se existem ideias equivocadas em relação à cultura dos povos indígenas em estudo.

Estudos e pesquisas acadêmicas têm apresentado a importância dos indígenas para a cultura brasileira, sabemos que a cultura específica de cada povo teve e tem fortes influências, na sociedade de forma geral.

Este aspecto se reflete também na nossa educação, que vem crescendo com o passar dos anos, conquistando mais espaço, onde realmente integramos e

incluímos a nossa cultura, pois moramos num país recheado de etnias, religiões, costume, raça, cor distinguindo assim a cultura de cada brasileiro.

Entretanto como destaca e discute Bessa Freire (2016) se nós não tivermos o conhecimento ideal, ou seja, o correto sobre a história indígena, como tudo aconteceu na relação com os índios, não iremos saber e nem poderemos explicar o Brasil contemporâneo. Considerando que temos uma ideia formada desde a sala de aula, que os índios são todos iguais, e a perspectiva de vida é a mesma para todos, independente de localidade, sabemos que são informações do senso comum meramente equivocadas.

Sabemos que temos equívocos alocados até hoje na nossa sociedade e que são repassados de geração para geração, de criança a criança, de pai para filho e dentre outras, como apresenta Bessa Freire (2016) que algumas pessoas dizem muito, que os índios têm muitas terras para poucos índios, mas não buscam verificar o contexto histórico desse povo.

A imagem de índio genérico é recriada a quase todo momento na sociedade. Segundo a autora, Bessa Freire (2016), existem vários equívocos da população com relação ao índio. Além da imagem do índio genérico, ele é visto como pertencente as culturas atrasadas, culturas congeladas, que pertencem ao passado, e que o brasileiro não é índio. E menciona ainda que a primeira ideia que a maioria dos brasileiros tem sobre os índios é a de que eles constituem um bloco único, com a mesma cultura, compartilhando as mesmas crenças, a mesma língua, e sendo assim com essa pesquisa iremos investigar esses fatos, como estão sendo efetivados nas relações interculturais entre os objetos da pesquisa citados no texto.

Nesse sentido, buscaremos averiguar no povoado Passarinho, esse entrelaçamento da comunidade Apinajé Prata com o povoado que fazem limite. Ficamos a nos questionar por que todos nós desde o passar dos séculos mudamos nosso modo de viver, de agir e até mesmo de falar e por que na cultura Apinajé não pode acontecer mudanças? A identidade Apinajé se faz presente até mesmo no povo tocantinopolino, ao tempo em que estão a todo o momento convivendo com essa cultura primordial, coexistindo no dia a dia da cidade. Como destaca Bessa Freire: “Os povos indígenas produziram saberes, ciências, arte refinada, literatura, poesia, música, religião. Suas culturas não são atrasadas como durante muito tempo pensaram os colonizadores e como ainda pensam muita gente ignorante.” (BESSA FREIRE, 2016, p. 6). Por essa razão nos indagamos será que a população

tocantinopolina se dar conta desse patrimônio cultural, e em específico o povoado passarinho tem conhecimento dessa cultura, ou as ideias equivocadas se fazem presentes? Em que medida a cultura Apinajé tem refletido no povoado Passarinho em Tocantinópolis-Tocantins? O tema é relevante para se pensar a importância da cultura Apinajé não apenas para o povoado Passarinho que vive nas proximidades da aldeia da Prata, mas da população tocantinopolina de forma geral, e entendermos assim o histórico desse povo cheio de lutas, conquistas, vitórias, e que não venhamos generalizar o contexto em que vive cada um, precisamos desconstruir ideias equivocadas a respeito dos Apinajé. Tornando assim os estudos a respeito desta temática mais expressivos para o contexto social e educacional da nossa população.

A partir das minhas indagações iniciais o presente trabalho tem como objetivo geral investigar a cosmovisão dos moradores do povoado Passarinho, em relação ao povo Apinajé, considerando a proximidade do povoado com a Aldeia Prata. Tomo como objetivos específicos identificar como acontece a relação do povoado Passarinho com a Aldeia Prata; Verificar como alguns aspectos culturais têm repercutido na visão dos moradores do povoado passarinho; Refletir sobre a importância da cultura Apinajé para a população do Povoado Passarinho. Partimos do pressuposto que os moradores do povoado Passarinho não reconhecem a cultura do povo Apinajé, cujo equívoco se faz presente na sua visão conceitual. Sabemos que a temática é muito importante e indispensável uma vez que se trata de um tema muito discutido tanto no meio universitário, como na educação básica.

A realização da pesquisa torna-se viável em virtude de o Passarinho ser meu local de moradia e a Aldeia Prata fica próxima, então posso dizer que faço parte desse lugar. Identifiquei a necessidade de investigar sobre esse tema, pois como futura docente das escolas do/no Campo, terei que lidar com certas situações culturais relacionadas ao convívio dos não índios com indígenas no espaço escolar e ter que desconstruir estereótipos que foram construídos ao longo do tempo pela sociedade em relação a esses povos.

Através dessa pesquisa busco despertar o interesse de todos envolvidos com a temática indígena. Neste sentido os resultados pretendem dar um retorno colaborativo para a comunidade acadêmica e outras categorias interessadas nesse tema.

Este trabalho está inicia com a Introdução que trata da delimitação do tema, do interesse pela pesquisa, a problemática que envolve a pesquisa e os questionamentos e objetivos elencados, e hipótese.

O primeiro capítulo, denominado *Leituras para sustentação da pesquisa* discorre de conceitos relacionados ao povo Apinajé, a cultura, a visão da sociedade brasileira sobre os indígenas.

No capítulo dois explana a metodologia desta pesquisa. A abordagem metodológica consiste na pesquisa autobiográfica, tomando como fonte de coleta de dados a entrevista narrativa dos moradores entrevistados da comunidade Passarinho.

O capítulo três trata das análises e interpretações dos dados coletados. E, por fim, as compreensões finais que sintetizam de forma reflexiva os meus achados, bem como as possíveis contribuições do trabalho para povos indígenas, para mim como futura educadora em escolas do/no campo, para a educação de forma geral, e caminhos para investigações futuras.

## 2 LEITURAS PARA SUSTENTAÇÃO DA PESQUISA

No presente capítulo abordaremos alguns estudos, teóricos que tratam especificamente sobre a temática traçada, sobretudo com base em conceitos relacionados aos povos Apinajé para melhor exemplificar a pesquisa, desde sua cultura até a visão da sociedade brasileira sobre os indígenas e a interculturalidade.

### 2.1 O Povo Apinajé

Pesquisas voltadas para o povo Apinajé vem sendo realizadas nos espaços acadêmicos, sendo fonte de estudos tanto dos próprios indígenas como dos não índios. Entre esses podemos citar Nimuendaju (1983), Da Mata (1976), Albuquerque (2007), Rodrigues (2017) e outros.

Questões equivocadas sobre os Apinajé, começam em relação a denominação nominal. Para entendermos um pouco essa questão dos nomes apresentamos Albuquerque que diz assim: “Os Apinayé apareceram pela primeira vez, sob esse nome, em fins do século XVIII, e segundo Villa Real datam de 1793 as primeiras notícias sobre os Pinagé ou Pinaré”. (ALBUQUERQUE, 2007, p.1). Portanto os mesmos tiveram um traçado histórico marcado por mudanças, desde as denominações. Nimuendaju (1983, p. 3) relata que não tem nenhuma explicação para esse nome Apinayé, pois o sufixo pessoal-yé, das línguas Timbira orientais, soa no próprio Apinayé como ya. Há uma hipótese de que o nome tenha sido dado pelos Timbira, não sendo, portanto, uma autodenominação primitiva dessa etnia. Segundo o mesmo autor, o nome dessa etnia foi citado inicialmente de pinarés ou pinagés. No entanto, os indígenas atuais em estudo se identificam como Apinajé e estão lutando pelo reconhecimento do nome “Apinajé”. Para eles, as demais denominações que apareceram nos livros didáticos e em trabalhos acadêmicos foram imposições do homem branco, por isso quando estou utilizando a fala nesse trabalho uso a denominação “Apinajé”, como forma de legitimar o desejo desses povos a serem chamados por seu nome correto.

O autor Albuquerque afirma que “para os Apinayé, os dois grupos melhor definidos na vida cotidiana são: (1) a família nuclear (composta por maridos, mulheres e filhos) e (2) a família extensa uxorilocal (composta por um casal, os maridos e os filhos de suas filhas)” (ALBUQUERQUE, 2007, p.17). Ainda assim Rodrigues (2017)

apresenta quem são os povos Apinayé. Para o autor, os Apinayé são indígenas com aproximadamente 2000 pessoas que habitam, principalmente, o município de Tocantinópolis (no Estado do Tocantins) e suas redondezas e se dividem em 25 aldeias. Muitas dessas aldeias são derivadas das duas mais antigas: Mariazinha e São José (antiga Bacaba).

Albuquerque (2007, p.2) Complementa que esses povos indígenas eram muitos trabalhadores e fortes até mais que os Karayá, no qual esses se dedicavam sempre a plantações de alimentos para seu sustento como exemplo, a mandioca como também, se dedicava à lavoura.

Segundo Da Matta (1976, p. 61), os Apinayé destacam três regiões ou domínios sociais mais importantes para eles sendo estes: o pátio (chamado por eles de ingó ou me-ingó); a região das casas (ikré ou periferia) e a região que fica fora dos limites da comunidade, mas está em sua volta (chamada de atúk, que significa atrás). Albuquerque (2007, p.19) acrescenta sobre o significado da lua e do sol, para os Apinayé, na qual para eles as duas entidades foi que criaram o universo e a humanidade, quando resolveram descer para a terra que estava imersa no caos. Entretanto, os Apinayé sempre se referem ao sol como o principal elemento, destacando que foi ele quem teve a iniciativa de vir para a terra e é ele quem, geralmente, tem a primazia nas ações do mito que relata a criação do universo.

Dessa forma, de acordo ainda com Nimuendaju (1983, p. 4), foi no final do século XVIII, mais precisamente a partir de 1797, marca o período de contato permanente dos Apinayé com a sociedade não indígena.

Oliveira (s/d) destaca ainda que os mesmos estejam localizados neste território entre 600 e 500 anos antes do Presente, desta temporalidade supostamente entre 11 e 25 mil anos, outras etnias ocuparam esta localidade, o que revela a mobilidade territorial dos povos indígenas que se encontram na fronteira das grandes regiões Centro-Oeste, Norte e Nordeste do Brasil. História essa que poucos temos conhecimento. Mediante essa vasta marcação territorial Albuquerque (2007, p.2) destaca que,

[...] naquela época, os Apinayé viviam às margens do Araguaia, embora suas habitações não tenham sido localizadas nas praias desse rio. Consta também que, durante o primeiro contato com os não-índios, os Apinayé possuíam embarcações próprias, estando familiarizados com as navegações dos rios Araguaia e Tocantins. (ALBUQUERQUE, 2007, p.2).

Os povos Apinayé habitam em boa parte os principais rios do Estado do Tocantins, sendo estes: Araguaia e o Tocantins, onde desenvolve sua sustentação alimentícia, com pesca e caça. O autor Nimuendaju (1983, p. 3) relata que os Apinayé eram a única tribo Timbira a fabricar tais embarcações, do tipo ubá, e que se aproximava das feitas pelos Karajá e Guajajara, na qual eram construídas de troncos de árvores escavados.

Nos estudos de Da Matta (1976), o sistema social Apinayé é dividido em dois campos complementares sendo estes o campo das relações domésticas que unem os seus familiares, e outro campo é o das relações sociais ou cerimoniais que é das obrigações rituais e políticas relacionadas à comunidade. O autor destaca ainda que na vida cotidiana, esses dois campos se cortam, mas a concepção desses campos como domínios divididos e separados é fundamental para a interpretação do mundo social Apinayé. Destaca ainda Albuquerque (2007, p.7) sobre as terras Apinayé, todo processo de mudança na qual,

Atualmente, as terras indígenas Apinayé sofrem a interferência direta de rodovias: TO 126 que liga os municípios de Tocantinópolis e Maurilândia, seccionando toda a reserva no sentido norte-sul; a TO 134, trecho Angico entroncamento BR 230; e a Transamazônica, com 9 aldeias localizadas ao longo de seu eixo, estão localizadas nove aldeias: São José, Patizal, Cocalinho, Buriti Comprido, Palmeiras, Prata, Serrinha, Cocal Grande e Boi Morto. Já ao longo da BR 126, estão localizadas as outras seis aldeias: Mariazinha, Riachinho, Bonito, Brejão, Girassol e Botica. Localizam-se na região compreendida pela confluência dos rios Tocantins e Araguaia, com uma população aproximada de 1597 índios distribuídos em 15 aldeias. (ALBUQUERQUE, 2007, p.7).

Vale salientar que diante de toda essa interferência sofrida nas suas comunidades, os mesmos ainda sofrem, por meio da sua sobrevivência onde boa parte de suas terras foram destruídas, para assim o não índio construir BRs e barragens, trazendo com isso a destruição da floresta e a seca das nascentes.

Da Matta (p. 41) realça que dos dados demográficos, a ocupação do território Apinayé, embora acontecido de modo lento, não deixou de causar efeitos drásticos na população da tribo que, em menos de meio século, foi bastante reduzida. Sabemos que essa perda não é apenas do povo Apinayé, mas de toda comunidade de forma geral, onde se faz presente uma cultura exemplar, cheia de descobertas e aprendizado.

Segundo Nimuendaju (1983) os Apinayé apesar de manter um contato prolongado com a sociedade brasileira, os mesmos se distinguem dos regionais por alguns traços, que tendem a desaparecer. É importante enfatizar como é o alfabeto

do povo Apinayé, segundo Albuquerque (2012, p.9), “O alfabeto Apinayé é composto de doze consoantes, dez vogais orais e seis vogais nasais. Consoantes: g, h, j, k, m, n, nh, p, r, t, w, x; Vogais Orais: a, e, ê, i, y, à, u, ô, o, ÿ; Vogais Nasais: ã, ã, ĩ, ĩ, õ, õ; Pré-nasais: m, n, g”.

Da Matta (1976, p. 46) complementa que, apesar de os dados demográficos indicarem que a população Apinayé está crescendo, a história da etnia revela uma tendência no sentido da redução, entendendo-se o termo redução como se referindo não somente ao decréscimo da população, mas também ao número de aldeias e à própria diversidade cultural que, no passado, existia entre os índios e não índios. Segundo Mussi e Calderoni (2014) os indígenas do Brasil em suas leituras de mundo desenvolveram uma capacidade extremamente eficaz para explicar a origem do mundo e até mesmo das coisas, assim como os ciclos da vida e da natureza, e até mesmo a sua condição de ser humano, ou seja, de homem e mulher, tudo que é passado de geração para geração, com destaque a sua cultura oral, ou seja, a sua língua.

Albuquerque (2012), em uma de suas obras aborda uma pequena história sobre o povo Apinajé, na qual apresenta o contexto histórico e cultural dessa etnia, exemplificado que essa cultura é traçada de geração para geração.

O povo Apinajé que mora nas aldeias não esquece a fala e nem a cultura, sempre passa seus conhecimentos para as crianças, jovens que estão nascendo e crescendo. Para isso, o povo Apinajé possui o local próprio, para brincar ensinar os conhecimentos para todos os indígenas. A aldeia Apinajé é em forma de círculo. No meio da aldeia, tem o pátio, onde os mais velhos repassam os ensinamentos aos mais novos. Quando se faz a festa no pátio, todos vão participar, as mulheres, os homens e as crianças, cantando, brincando até o dia amanhecer. Por isso, o pátio é muito importante para o povo Apinajé. Para a cultura indígena, o pátio é mais importante, pois as festas, danças e certos rituais são realizados também no pátio, onde toda a comunidade participa com a presença de todos os indígenas, cantando muito alegres e felizes. No Pátio, também, ocorrem outras manifestações culturais como, a Corrida da Tora, Corrida da flecha, Dança de rua, com as pinturas próprias de cada Partido (ALBUQUERQUE, 2012, p. 50).

Portanto podemos elucidar algumas características do povo Apinajé, no caso dos homens são os cabelos (maiores que os usados no sertão), os furos dos lóbulos das orelhas (somente encontrados nos homens mais velhos da comunidade) e, no caso das mulheres, a vestimenta que deixa o busto nu, exceto quando vão a Tocantinópolis e as outras cidades vizinhas que costumam usar roupas características

de mulheres não índias como saias, blusas, vestidos e outras produzidas de tecidos como malha, algodão e outros.

A sua cultura como relatou acima é diferente de outras etnias cada povo tem sua forma de viver, sendo assim os Apinajé seguem um modelo cultural, que é a sua vestimenta, diferenciando a forma quando vão à cidade realizar alguma atividade. Portanto sabemos que essa característica é apenas uma das diferenças existentes entre indígenas e não indígenas, existem muitas mais, diferenças relacionadas a Arte, alimentação, lazer etc... que muitas vezes acabam ocasionando estranhamento a algumas pessoas.

## **2.2 Cultura**

A cultura é algo amplo, e com diversas características, acreditamos que seu conceito vai além de fundamentação, abrange diversos olhares e pontos de vista. O autor Canedo (2009, p.1) nos diz que: “definir o que é cultura não é uma tarefa simples. A cultura evoca interesses multidisciplinares, sendo estudada em áreas como sociologia, antropologia, história, comunicação, administração, economia, entre outras”. Assim podemos dizer que não existe um conceito comum de cultura e que a mesma pode ser explorada nas mais diversos campos do conhecimento.

Frisa ainda Eagleton (2003, p.9) “Cultura, diz-se geralmente, é uma das duas ou três palavras mais complexas da língua inglesa, e ao termo que é, por vezes, considerado seu antônimo natureza é frequentemente atribuído o título da mais complexa”.

Mediante todo esse estudo Elias (1990) nos ajuda a entender o conceito de cultura e civilização os quais são conceitos que surgem na Europa e que, já de início, ganham significados diversos entre as várias populações nacionais nascentes. No qual, entende-se que as diferenças internas prevalecem de civilizações, no qual a cultura designa as particularidades das populações ocidentais  $\frac{3}{4}$  dos modos franceses, ingleses, alemães.

Como é sintetizada, a palavra “cultura” também tem sido utilizada em diferentes campos semânticos em substituição a outros termos como “mentalidade”, “espírito”, “tradição” e “ideologia”. (CUCHE, 2002, p.203).

Considerando que o conceito de cultura desde muito tempo, tem uma longa história, traçam origens, estudando e compreendendo assim cada povo, costumes e

modo de viver socialmente, ou seja, o seu modo de vida. Sendo assim acrescentamos conforme outros teóricos (2014) que: “Como já mencionado, toda cultura é dinâmica. Não existe cultura imóvel. Nem a nossa. Nem a dos povos indígenas. Em outras palavras, a identidade cultural de um povo não se constrói numa situação de isolamento”. (COLLET; PALADINO; RUSSO, 2014, p. 28).

Segundo (WILLIAMS, 2007, p.117) “A palavra cultura vem da raiz semântica *colore*, que originou o termo em latim *cultura*, de significados diversos como habitar, cultivar, proteger, honrar com veneração”. Como demonstrado com diversos autores podemos perceber a grande quantidade de conceitos sobre cultura, diante desse pressuposto como frisado acima, habitar e cultivar é considerado cultura, perante essa caracterização podemos verificar diante dos fatos histórica a grande cultura que os povos Apinayé apresentam, e a constante mudança e as honras que os mesmo tem diante da sua comunidade e povo.

É como complementa Simão e Koff (2006, p.146) que a cultura é uma sociedade em constantes mudanças, no dia-a-dia.

Sabemos que o mundo contemporâneo cada vez mais complexo nas suas diferentes dimensões, vem passando por mudanças significativas e tão radicais que, muitas vezes, não somos capazes de compreendê-las de modo adequado, e que grandes divisões e inúmeros conflitos marcam as sociedades atuais, muitos deles provocados por questões de ordem cultural (SIMÃO e KOFF, 2006, p. 146).

Dessa podemos entender em conjunto com os estudos o processo de estruturação e da cultura indígena, e em destaque ao povo Apinayé, que no decorrer da sua história teve diversos acontecimentos que marcaram suas vidas, inclusive seu convívio em sociedade. Como exemplifica Canedo (2009), que hoje existem três formas de caracterizarmos e entendermos cultura assim ele retoma dizendo que:

Portanto, afirmamos que na atualidade é possível compreender a cultura através de três concepções fundamentais. Primeiro, em um conceito mais alargado onde todos os indivíduos são produtores de cultura, que nada mais é do que o conjunto de significados e valores dos grupos humanos. Segundo, como as atividades artísticas e intelectuais com foco na produção, distribuição e consumo de bens e serviços que conformam o sistema da indústria cultural. Terceiro como instrumento para o desenvolvimento político e social, onde o campo da cultura se confunde com o campo social (CANEDO, 2009, p.6).

Sendo assim fica visível que a cultura é feita em conjunto, e que cada um de nós carrega consigo uma cultura estabelecida, que foi idealizada, com virtudes, valores, conquistas e méritos de todos. Ainda nessa mesma perspectiva Eagleton (2003, p. 10) discorre que cultura é algo extremamente transitório historicamente, e

que também codifica várias questões filosóficas fundamentais. Na qual “num único termo, os contornos de questões como liberdade e determinismo, atividade e resistência, mudança e identidade, o que é dado e o que é criado, surgem difusamente”. (EAGLETON, 2003, p. 10).

Assim se destaca e caracteriza qualquer comunidade, povo, religião, país. A cultura é presente em qualquer lugar, mesmo que não a entendêssemos do seu significado, ali ela estará.

### **2.3 Visão do não índio sobre o indígena**

Ao se referir sobre a visão do não índio sobre o indígena, Silva (2012) nos apresenta uma visão de alguns brasileiros destacando que o pouco conhecimento generalizado sobre os povos indígenas está associado basicamente à imagem do índio que é tradicionalmente veiculada pela mídia: que é de um índio genérico, com um biótipo formado por características correspondentes aos indivíduos de povos habitantes na Região Amazônica e no Xingu, com cabelos lisos, pinturas corporais e abundantes adereços de penas, nus, moradores das florestas, de culturas exóticas, etc. São esses alguns dos históricos e pensamento de alguns indivíduos hoje, sobre os indígenas.

Os equívocos se fazem presentes não apenas na fala, mas também em escritas, como frisa Melatti (1993) onde cita que a maioria das etnias atuais constroem aldeias em forma de círculo, como é o caso dos Borôro, os índios do Alto Xingu, os Yanoâma da bacia do rio Negro e os Timbiras, dos quais os Apinayé fazem parte, e muitos outros, acrescentando ainda algumas diferenças como o caso de Borôro tendo no centro da aldeia uma casa destinada aos rapazes: a casa dos homens. E já a casa dos homens não existe mais nas aldeias Timbira. Os índios do Alto Xingu têm no centro a gaiola do gavião real. Há também índios que não constroem as aldeias em forma de círculo, como é o caso dos Xerente e dos Karajá-Xambioá. As diferenças estão presentes em cada aldeia, mesmo pertencendo a mesmo grupo linguístico.

Outro apontamento apresentado, em relação à visão do não índio sobre o índio, é de Ribeiro (2005) que muitos índios se convertem em trabalhadores assalariados ou em produtores de alguma mercadoria porque precisam de recursos para comprar ferramentas, remédios, panos e outros artigos de que necessitam. Por outro lado,

Gomes, Aguiar e Alexandre (2012, p. 2) relatam como os indígenas são vistos pela sociedade não índia:

As populações indígenas, geralmente, são vistas pela sociedade brasileira com preconceito e idealismo. Podemos observar na mídia como a imagem do índio vem sendo construída, a partir do ponto de vista do branco, a temática somente aparece quando envolve conflitos por terras, quando existe alguma ameaça com brancos e madeireiros (GOMES, AGUIAR E ALEXANDRE, 2012, P. 2).

Os indígenas são esquecidos pela sociedade e a mídia tenta construir uma imagem desqualificando essas populações e esquecem que os índios foram os que mais sofreram perdas no processo de colonização, sendo dizimados. Essas perdas se referem a diversos aspectos culturais. Gomes, Aguiar e Alexandre (2012, p. 2) afirmam que “por possuírem uma única imagem do índio, as pessoas, muitas vezes, têm se assustado com as novas imagens possibilitadas por estudos das mais diversas áreas”. E o que fica de convicção é que ainda que tenham tido perdas, tenham mudado alguns costumes, continuam índios, porque se identificam e são aceitos como membros de sua comunidade indígena de origem, pois não é um modo de vida que vai fazer qualquer ser humano mudar de origem.

Como relata Lima e Almeida (2010) à opinião de algumas pessoas em relação aos indígenas, aprimoram-se algumas características comuns, de acordo com as perguntas feitas tais como: “Quando você ouve a palavra “Índios”, quais são as três primeiras coisas em que você pensa?” as respostas são diferentes, como exemplo: Práticas culturais e diferença (língua diferente, hábitos, pintura, desfile, cantam e dança, religião, rituais, banho de rio); Passado remoto (descobrimto do Brasil, primeiros habitantes, antiguidade, nativo, portugueses); Natureza (mata, mato, selva, floresta, faz parte da mata Atlântica, árvores, rio, vivem na mata, peixe, urso, macaco) e dentre outras que abordam conceitos, de ideias até mesmo equivocadas.

Gomes, Aguiar e Alexandre (2012, p. 2) sintetizam um fato que ocorre muito com diversos povos, na qual especifica o que os não índios acreditam:

O que os “não índios” acreditam saber sobre a cultura indígena, muitas vezes são somente fatos fragmentados, histórias superficiais e imagens genéricas empobrecedoras da realidade. Logo, quando começamos a estudar os livros didáticos já encontramos divergências nos fatos, quando não tratamento preconceituoso ou a maneira desinformada com a qual tratam do assunto desde à época do descobrimto. (GOMES, AGUIAR E ALEXANDRE, 2012, p. 3).

É corriqueiro, encontrar essas descrições presentes no meio social, na escola e onde caminhamos, visões preconceituosas, equivocadas sobre os povos indígenas,

e que se fazem muitas vezes mais fortes na mídia, onde destacam quase sempre alguns fatos como mencionado de pessoas desinformadas que repassam informações e tratamentos indescritíveis.

Ainda nessa perspectiva a Fundação Nacional do Índio (FUNAI, 2010) nos relata alguns pontos importantes sobre a visão do não índio, na qual os mesmos, ou seja, os grupos de índios que aparecem na cidade são percebidos pelo homem branco de forma estereotipada, ou seja, uma visão que é visto e reproduzido pelos livros didáticos, a fala de muitos não índios, e vão sendo repassada de um para o outro, e a imagem representativa que o homem branco faz em relação aos índios são de ladrões, traiçoeiros, preguiçosos e beberrões, enfim de tudo que possa desqualificá-los, sujos, e dentre outros. É dessa forma que muitos procuram justificar, todo tipo de ação contra os índios, principalmente quando se referem à invasão de seus territórios.

O autor José Ribamar Bessa Freire (2016) escreveu um ensaio sobre as cinco ideias equivocadas sobre o índio. Para Freire o primeiro equivoco é o índio genérico, considerando o indígena independente do seu lugar como se fossem todos iguais, com as mesmas características. O segundo equivoco são as culturas atrasadas em que veem os indígenas como praticantes de saberes atrasados e primitivos. O terceiro seria ver os indígenas como culturas congeladas, mantendo a visão romantizada em que prevalece estereótipos criados quanto a vestimenta e aparência física do indígena. No entanto esquecem que o índio está aberto ao diálogo por meio da interculturalidade. Ao falarmos dos povos Apinajé, ao tratarmos sobre cultura não poderíamos deixar de mencionar sobre a interculturalidade, pois como afirma Fleuri (2004, p.6):

Nesta perspectiva, a intercultura vem se configurando como um objeto de estudo interdisciplinar e transversal, no sentido de tematizar e teorizar a complexidade (para além da pluralidade ou da diversidade) e a ambivalência ou o hibridismo (para além da reciprocidade ou da evolução) dos processos de elaboração de significados nas relações intergrupais e intersubjetivas constitutivos de campos identitários em termos de etnia, de gênero, de gerações e de ação social. (FLEURI, 2004, p.6).

Visto que estamos tratando de uma diversidade social, de vários povos, de uma etnia sendo essa Apinajé, os mesmos apresentam uma identidade, cada povo tem a sua, de acordo com a sociedade em que vive. “Em plano político, evidencia-se o desafio de se promover a igualdade de direitos e de oportunidades para todos os indivíduos e grupos sociais, e simultaneamente, garantir o direito à diferença pessoal e cultural” (COSTA, 2000; MCLAREN, 1997; 2000; HALL, 1999).

Segundo Fleuri (2002) exemplifica a característica da interculturalidade na qual essa relação indica uma situação em que pessoas de culturas diferentes, ou até mesmo uma atividade requer tal interação, na qual a ênfase maior é direcionada a relação intencional dos sujeitos, diferentes culturas constituindo assim o traço característico de uma relação intercultural.

O quarto equívoco apresentado por Freire (2016) “consiste em achar que os índios fazem parte apenas do passado do Brasil” (FREIRE, 2016, p.16). Para o autor os índios “estão encravados no nosso passado, mas integram o Brasil moderno, de hoje, e não é possível a gente imaginar o Brasil no futuro sem a riqueza das culturas indígenas” (FREIRE, 2016, p.16). E por fim o quinto equívoco, que consiste em afirmar que o brasileiro não é índio, que segundo Freire (2016, p.20) “é o brasileiro não considera a existência do índio na formação de sua identidade”, pois no Brasil todo mundo é índio.

É mediante estes estudos e entre outros que especificam nossa pesquisa, e nos abre fronteiras para novas experiências sobre essa temática significativa no nosso meio social e educacional, tornando prazerosa e qualificando nossos conhecimentos, sobre o tema, permitindo assim analisarmos diante desses acervos teóricos os dados coletados no campo empírico da pesquisa.

### 3 METODOLOGIA

Para a realização da pesquisa propomos pesquisa autobiográfica, utilizando para coleta de dados dos entrevistados, entrevistas narrativas, como uma forma de legitimar as falas dos sujeitos. Como justifica Abrahão (2003) que a pesquisa biográfica, se dá de formas distintas, como Histórias de Vida, Biografias, Autobiografias, Memoriais, em que, não obstante se utilize de diversas fontes, como narrativas, história oral, fotos, vídeos, filmes, diários, documentos em geral, reconhece-se dependente da memória. No caso dessa pesquisa os participantes irão narrar as suas histórias de vidas em convivência com os indígenas da aldeia Prata utilizando como fontes de coleta de dados as narrativas.

Dessa forma fica evidente que a pesquisa pode nortear percursos, diferentes, buscando construir elementos de análises mediadoras, de compreensão do objeto de estudo, de uma forma simples e sistemática, com a dinâmica de desenvolver uma coleta de dados cheia de descobertas, de fatos históricos importantes para nossa sociedade de forma geral.

Em se tratando da entrevista narrativa, para os autores Bauer e Gaskell (2015, p.105) é onde o entrevistado conta uma história, ou seja, a fonte utilizada nessa metodologia é a técnica para gerar histórias, onde ela é aberta quanto aos procedimentos analíticos que seguem a coleta de dados, e sintetiza ainda que para análises dessa entrevista existem três procedimentos diferentes, sendo elas a análise temática, a proposta do próprio Schutze e a análise estruturalista.

Bauer e Gaskell (2015, p.105) acrescentam ainda que os passos da entrevista de narrativa são:

1. Preparação, 2. Início: começar gravando e apresentar o tópico inicial,
3. A narração central: não fazer perguntas, apenas encorajamento não verbal,
4. Fase de questionamento: apenas questões imanentes,
5. Fala conclusiva: parar de gravar e continuar a conversação informal,
6. Construir um protocolo de memórias da fala conclusiva (BAUER E GASKELL, 2015, p.111).

Portanto, é em cumprimento a todas essas etapas que se faz a totalidade da pesquisa e aprimoramento dos dados, em conjunto com a pesquisa autobiográfica. O autor ainda fala que a “entrevista narrativa é uma forma de entrevista não estruturada, e que é de profundidade, com características específicas”. (BAUER E GASKELL, 2015, p. 95). Com esse método podemos dizer que o entrevistador e o entrevistado ficam livres para realizar uma contação de um fato e história, sem existir interferência,

de ambas as partes, é nesse presente momento em que os dados são postos em prática, de acordo com a pesquisa.

Nesse tipo de pesquisa, assim como aborda Abrahão (2003), o pesquisador não pretende estabelecer generalizações estatísticas, mas, sim, compreender o fenômeno em estudo, o que lhe pode até permitir uma generalização analítica.

Para a realização da pesquisa foi feito algumas etapas diferentes, mas que complementam a totalidade do estudo de forma geral, no qual: Primeiramente foi realizada pesquisa bibliográfica, diante dos livros, textos e artigos que abordam a temática traçada. Ao mesmo tempo foi feito uma pesquisa com estratégia metodológica distinta e tendo como unidade de análise o povoado Passarinho.

Segundo Muylaert et al. (2014) as narrativas tem como finalidade visar à profundidade dos aspectos específicos, através de ferramentas não estruturadas, a partir das quais emergem histórias de vida, tanto do entrevistado como as entrecruzadas no contexto situacional. No qual visa estimular e até mesmo encorajar o sujeito entrevistado (informante) a contar algo sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social. No caso dessa pesquisa, os moradores do povoado Passarinho contam sobre suas convivências entre os povos indígenas Apinajés da comunidade indígena Aldeia da Prata.

Nessa etapa foi lançada pergunta geradora. Tomei a liberdade de realizar uma pergunta geradora que gerasse dados as quais busco na pesquisa. A pergunta geradora foi: Conte me sobre os indígenas Apinajé?.

A realização da entrevista foi realizada com sigilo total, por questão de ética na pesquisa, foi solicitado aos participantes que assinassem um Termo de consentimento livre e esclarecido, concordando em participar da mesma apenas para fins de pesquisa.

Como forma de complementação dos dados coletados por meio das entrevistas narrativas, realizamos também dois dias de visita na Aldeia da Prata para realizar uma conversa com o cacique e a professora da Aldeia, os mesmos foram nos contando como funcionava a escola da comunidade, como eram determinadas algumas atividades dentro da aldeia, como a aldeia era estruturada, desde a quantidade de casas até a quantidade de indígenas e não indígenas que faziam parte da aldeia Prata. Posteriormente, foi feito também mais dois dias de conversa com alguns moradores do Povoado Passarinho para que assim fosse possível colher alguns dados, informações precisas sobre o povoado para complementar a pesquisa. A ida a campo

para a coleta desses dados foi necessária também pelo motivo de não ter encontrado durante a pesquisa documentos escritos que contenham essas informações. Os dados levantados nessas duas etapas são apresentados no tópico que trata sobre o campo empírico da pesquisa.

E por fim realizamos a entrevista narrativa com três moradores do povoado passarinho na qual optei por escolher três idosos, pois conhecem os indígenas até antes da desmarcação de suas terras em 1964, e com dois não índios que moram na aldeia Prata por motivo de trabalho, no entanto pertencem a comunidade Passarinho. É importante mencionar que foram selecionados não indígenas que moram na comunidade Prata e os não índios que moram dentro das aldeias. A entrevista teve como foco investigar a visão dos mesmos sobre os Apinajé.

Após a coleta dos dados foram realizadas as análises das entrevistas narrativas coletadas. A análise e tratamento dos dados em confluência com os referenciais estudados foram feitos em sequência, juntamente com a pesquisa de campo, trazendo e especificando a totalidade do estudo. E a elaboração do texto final de conclusão de curso.

### **3.1 O campo empírico: Povoado Passarinho e Aldeia Prata**

Para início da coleta de dados foi feita a observação na Aldeia da Prata na qual se localiza aproximadamente no km 12 da TO-210, no município de Tocantinópolis-TO. A Aldeia da Prata tem pouco tempo de existência foi criada já no século XXI. Atualmente esta comunidade tem cerca de 180 habitantes dentre estes quatro não índios, distribuídas em 23 famílias.

**Figura 01: Interior da Aldeia da Prata.**



Fonte: Feitosa, 2019.

No interior desta aldeia em estudo se encontra uma Escola Estadual denominada Katám Kaàk como mostra a figura acima (01). A mesma unidade escolar tem sua equipe pedagógica distribuída em 2 professoras sendo uma delas indígena. A unidade de ensino ainda disponibiliza uma sala para que ocorram os atendimentos médicos. A escola só atende o ensino fundamental de segunda a sexta feira, e também na escola há uma técnica de enfermagem que fica no mesmo horário de funcionamento da mesma, o médico geral e o dentista atende na aldeia apenas uma vez por mês.

Pode se perceber que índios da aldeia da Prata que cursam o ensino médio tem que se deslocar de ônibus até a escola que oferece o ensino médio que fica na aldeia São José aproximadamente 10 km da aldeia Prata, vale ressaltar que o ensino médio só é oferecido no período noturno. Do mesmo modo, as comemorações culturais na aldeia Prata só acontecem no dia do índio 19 de abril, as demais festividades como por exemplo: a corrida de tora, não acontecem na aldeia Prata, mais os índios desta aldeia se deslocam a até a aldeia São José na qual a chamam de aldeia “Maior”.

Foi possível observar que na Aldeia da Prata existe um projeto que é o viveiro de plantas nativas na qual os índios cultivam as mudas das arvores nativas do cerrado entre outras mudas de planta. E sempre em dias especiais para os índios fazem o plantio destas arvores na aldeia além de venderem as mudas e também doar. Este projeto envolve toda a comunidade desde as crianças até os mais velhos.

Outro projeto na comunidade na qual foi visto é a roça comunitária na qual toda a comunidade faz o plantio de milho, feijão, abóbora, fava, macaxeira entre outros. Dando ênfase que não há somente a roça comunitária, mas também tem as roças individuais dos indígenas.

Para a coleta de dados também utilizei as observações no dia a dia do povoado na qual resido e que é o povoado na qual esta sendo pesquisado. A comunidade do passarinho localiza-se as margens da TO-210 no município de Tocantinópolis, ver figura dois. Esta comunidade tem sua população estimada de 300 moradores.

**Figura 02: Povoado Passarinho, TO-210.**



**Fonte:** Feitosa, 2019.

No interior desta comunidade encontramos a Escola Municipal 7 de Setembro a única instituição de ensino no povoado, a qual atende apenas no turno matutino a educação infantil e ensino fundamental. Sua equipe pedagógica é formada por duas professoras, uma merendeira e um zelador. No povoado ainda se encontra um posto de saúde que de segunda a sexta feira se encontra uma técnica em enfermagem e uma enfermeira, mas o atendimento médico é apenas duas vezes por semana. Observa-se ainda duas igrejas católica/evangélica e duas mercearias em que costumamos ver os indígenas fazendo compras. Na comunidade existe uma quadra de esporte, uma praça pública, um campo de futebol, que é no mesmo espaço da sede da associação dos moradores do povoado, que se encontra atualmente desativada.

O povoado Passarinho delimita-se com o território indígena Apinajé. Na comunidade, grande parte das residências tem o ribeirão Pira passando por seus terrenos, ribeirão este que sua nascente se encontra no território Apinajé próximo à aldeia da Prata.

Vale ressaltar que nessa comunidade não se observou nenhum projeto de Artes (música, dança, teatro ou artes visuais) ou esporte voltado exclusivamente para os jovens, pois os mesmos ficam vulneráveis as drogas, já que a comunidade apresenta um alto índice de tráfico de entorpecentes.

Na escola da comunidade local também são desenvolvidas no período vespertino atividades e oficinas oferecidas aos moradores uma única vez por mês pelo o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) do município de Tocantinópolis.

## **4 ANÁLISES E INTERPRETAÇÕES DOS DADOS COLETADOS**

Falar em cosmovisão dos moradores do Povoado Passarinho sobre os indígenas Apinajés que convivem na Aldeia da Prata nos levam a analisar suas compreensões e visões de mundo em relação a esses povos. Desse modo, pretendemos obter respostas dos objetivos que pretendemos alcançar com essa pesquisa os quais são: o objetivo geral que é investigar a cosmovisão dos moradores do povoado passarinho sobre os indígenas da Aldeia da Prata. Os específicos consistem em identificar como acontece a relação do povoado passarinho com a Aldeia Prata; verificar como alguns aspectos culturais têm repercutido na visão dos moradores do povoado passarinho; Refletir sobre a importância da cultura Apinajé para a população de Tocantinópolis, especificamente do povoado. Assim corroboramos com Gil (1999, p.168) ao dizer que: “a análise tem como objetivo organizar e resumir os dados de tal forma que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para investigação”. Afirma Gil (1999) que a análise dos dados é o processo de formação de sentido além dos dados, e esta formação se dá consolidando, limitando e interpretando o que as pessoas disseram e o que o pesquisador viu e leu, isto é, o processo de formação de significado. Outro ponto apresentado pelo autor e a interpretação desses dados que “tem como objetivo a procura do sentido mais amplo das respostas, o que é feito mediante sua ligação a outros conhecimentos anteriormente obtidos” (Gil, 1999, p. 168). Este capítulo irá abordar a descrição, análise e interpretações dos dados coletados por meio das entrevistas narrativas dos moradores do Povoado Passarinho.

### **4.1 A cosmovisão dos moradores sobre os indígenas**

Para analisar as compreensões e visões de mundo dos moradores do Povoado Passarinho em relação aos povos indígenas Apinajé da Aldeia da Prata, é preciso que exista uma interação cultural entre os mesmos que podem ter visões equivocadas sobre o indígena ou que os levem ao interculturalismo por meio do respeito as diferenças entre índios e não índios, aprendendo a conviver nas diferenças.

Comungamos com Bessa (2016, p.3) de que “tentar compreender as sociedades indígenas não é apenas procurar conhecer “o outro”, “o diferente”, mas

implica conduzir as indagações reflexões sobre a própria sociedade em que vivemos. Em se tratando da sociedade brasileira o indígena é visto de forma equivocada por muitas pessoas. No caso do entrevistado “A”, ao narrar sobre os índios afirma que: *“Os índios são pessoas humanas como nós! A diferença é que eles vivem em aldeias em forma de tribos, mas tem os mesmos conhecimentos que nós, tanto nos estudos, no trabalho, nas cidades, e na sociedade”*. Podemos observar no entrevistado que o mesmo não tem receio dos indígenas e nem se considera diferente, assim desconfigurando ideias colocadas na sociedade de que os índios são povos primitivos e de que no povo brasileiro não existe identidade indígena. O fato de o brasileiro não considerar a existência do índio na formação de sua identidade é um dos equívocos da sociedade brasileira (FREIRE, 2016). Por outro lado, quando o entrevistado diz que os indígenas vivem em aldeias, esquece que hoje em dia existem muitos indígenas que moram nas cidades, convivendo nos grandes centros urbanos e que isso não é motivo para deixá-los de ser índio. O entrevistado “B” diz:

Os índios Apinajés conheço desde aos meus sete anos de idade, na época só existia a aldeia São José como eles eram e seu vestuário era diferente os homens usavam tanga e as mulheres usavam saia só um pano enrolado da cintura pra baixo e não usava blusa, as comidas eram diferentes comiam mais caça do mato diferente de hoje.

Na narrativa acima apreende-se que os índios Apinajé mudaram seus costumes que foram iniciados com seus antepassados. O entrevistado deixa transparecer que conheceu de perto as tradições dos indígenas mais velhos principalmente características relacionadas a vestimentas e alimentação. Assim também o entrevistado “C” quando questionado sobre os indígenas deixa transparecer a perda de alguns costumes por meio dessa etnia, ao narrar o seguinte:

“Os índios antigamente saiam no Pira de cabeça abaixo caçando camaleão pra comer iam até na beira da Mumbuca chegavam lá se arranchavam passavam era dias na beira da Mumbuca só comendo camaleão, mas hoje não fazem mais isso, vão comprar coisa é na rua”.

A perda desses costumes apresentadas pelo entrevistado estão relacionadas as suas formas de subsistência que também desencadeia na alimentação. Ressalta que os índios deixaram seus hábitos de caça e atualmente estão consumindo alimentos industrializados comprados na cidade.

O entrevistado “D” reside na Aldeia Prata, para ele:

“Os indígenas são uns povos muito dedicados aos trabalhos nas comunidades e são muitos persistentes em relação a cultura deles vivem mais trabalhando em nossas terras. Preservam muito a área deles não desmatam muito a reserva, são muito unidos trabalham mais em equipe. Em

mutirões só vão fazer qualquer coisa se for em mutirões se um quer fazer alguma coisa na comunidade todos tem que concorda se não nada feito são muito culturais e lutador dentro da reserva”.

Nas colocações do entrevistado “D” percebe-se que os indígenas são povos que desenvolvem a força do trabalho no cultivo da terra. Ao dizer “Preservam muito a área deles não desmatam muito a reserva”, o informante dá indícios de que os indígenas Apinajés ainda se preocupam em respeitar a natureza o que desencadeia automaticamente o respeito à vida. O colaborador “D” vê os indígenas como povos que lutam por sua cultura e valorizam as decisões coletivas.

No caso do entrevistado “E” apresenta novamente a questão da coletividade entre os indígenas ao falar que:

O índio é mais unido eles agem em conjunto nós não, somos mais individuais o branco nos assim batalha pra conquistar as coisa em prol da gente mermo, eles não é em prol da comunidade tudo junto. Sempre que a gente vai fazer algo todo mundo ajuda, a não ser que você queira fazer só né. Aqui também é muito bom muito calmo a gente pode sair ali deixar as casas aberta e quando volta ta do mermo jeito tranquilo.

O relato de “E” contém informações da tranquilidade que ainda pode-se encontrar dentro de uma aldeia em relação a segurança, que na cidade já não se encontra mais o sossego. Apreende-se também que o entrevistado fala da ambição que o não índio tem, pois só pensa em si mesmo, já o índio trabalha para o bem de todos da comunidade. O entrevistado dá ênfase da consciência que o índio tem com o próximo, pois na aldeia pode deixar as portas de sua casa aberta que não haverá roubo. Diferente da realidade de quem vive na cidade.

Ao narrar as relações entre índios e não índios o Entrevistado “A” evidencia que existe respeito de ambas as partes. “Ele disse o seguinte: Entre nós brancos e índio? Se damos muito bem, eles são muito educados trata a gente com muito respeito”. O Entrevistado “C” ao narrar que: “Relação é que os índios de vez enquanto vem trabalhar aqui pra mim, vem jogar bola aí no campo, vão ali no domingo comprar coisa”. Por meio dessa fala ele esclarece que a aproximação entre Índios e não índios ocorrem por meio das interações de trabalho, pelo esporte e por meio do comércio. Ainda sobre essa relação o Entrevistado “C” contou o seguinte: “Aqui no Passarinho eles não convive mora aqui, mas sempre estão por aí, eles tem parente aqui, gostam de estar ai comprando e vendendo coisa direto”. Sendo assim, pode-se observar que os índios sempre estão presentes no povoado Passarinho, como moradores do povoado acredito que esse é o pensamento de grande parte dos moradores do povoado que tem os índios como seus diaristas. Nesse sentido, ressalto o

pensamento enraizado da história do Brasil onde os índios eram escravizados para trabalhar, para os fazendeiros europeus, por serem considerados mais eficazes no trabalho braçal, do que os não índios. Dessa forma, os índios trabalham em prol de um sustento, pois fora da aldeia os mesmos conseguem trabalhos remunerados que ajudam na compra de mantimentos. Essa situação foi abordada por Ribeiro (2005) ao afirmar que muitos índios se convertem em trabalhadores assalariados ou em produtores de alguma mercadoria porque precisam de recursos para comprar ferramentas, remédios, panos e outros artigos de que necessitam. Nesse sentido apreende-se que os indígenas estão dispostos ao diálogo e que o fato de vivenciarem elementos da cultura do não índio, como alimentação, lazer e trabalho não os torna ex- índios. Essa situação apresentada remete a trocas interculturais que podemos perceber também na narrativa do entrevistado “B”:

*Ai nossa relação entre nós e eles ficou mais próxima e boa esses índios quando precisamos deles para trabalhar eles vem sem nenhum problema, temos uma boa convivência, a boa, formamos campeonato de futebol eles participam respeitam nos como nos respeitamos também.*

Nesta resposta percebe-se muita familiaridade com a resposta anterior, pois relatam que quando precisam dos “índios para trabalhar eles vem”, pode se perceber que os moradores do povoado Passarinho acreditam que os índios Apinajé tem maior força para o trabalho braçal. Desse modo, vemos novamente a resposta de que os índios trabalham cotidianamente no povoado Passarinho, dando a ideia de que são mais eficazes no trabalho braçal. E que comprem mantimentos para seu consumo na mercearia do povoado.

Ainda sobre as relações entre índios e não índios o Entrevistado “D” narrou o seguinte:

*Minhas relação com eles é uma relação normal eles não andam cobrando muito de você e não andam abusando com a gente em certo ponto. Convivência com eles é melhor do que com os próprios brancos e eles apoiam muito a gente do que o branco eu convivo de acordo com que eles vem me apoiando me ajudando, sobre minha convivência com eles não tenho do que reclamar convivemos como uma sociedade normal sem precisão de ter que ta pegando muito no seu pé.*

Nesta narração apreende-se que o entrevistado questiona a cobrança, que o não índio tem sobre as pessoas, pois vivemos em uma sociedade capitalista cheia de regras, deveres e fazeres. Já o índio vive em um clima harmônico e não cobra tanto como as pessoas que vivem nas cidades. O indígena tem uma lógica diferente da nossa, no que diz respeito ao tempo e o espaço. Do mesmo modo, para o Entrevistado

“E” sua relação com os indígenas Apinajé é normal e funciona igual com os não índio. No entanto, esse colaborador traz algo de novo em relação ao demais relatos ao narrar o seguinte: “à diferença é que o índio não é tão agressivo como o branco, ele é mais paciente pelas coisas, a diferença é essa que a gente vive mais em harmonia do que com os brancos mesmo”. O entrevistado ressalta a harmonia de viver com os índios, o mesmo diz da paciência que os indígenas têm e não são tão agressivos como os não índios.

Para o *Entrevistado “A”* os índios estão buscando mais socialização através das políticas públicas e das faculdades dentro das cidades, fato que já foi comprovado por estudiosos. Nas universidades temos como exemplo o aumento significativo de alunos indígenas e de programas que atendam especificamente esses alunos. Na universidade Federal do Tocantins temos como exemplo, o Programa Institucional de Monitoria Indígena (PIMI) tem como objetivo facilitar a inclusão dos alunos indígenas nas atividades de ensino, pesquisa e extensão. Apreende-se que o entrevistado tem consciência do crescimento dos indígenas dentro das universidades e que estão sempre lutando por políticas públicas para seu povo.

Em seu relato o Entrevistado “B” vê os indígenas como estudiosos e bem informados por meio da tecnologia. O colaborador associa os indígenas ao processo de industrialização, ele narrou o seguinte: “Com o tempo eles foram se modernizando mais não deixando seus costumes com o tempo eles foram criando várias aldeias. Foi criada a aldeia Prata que fica bem próxima ao nosso povoado Passarinho”.

O colaborador “C” disse: “os índios são gente igual nós, só porque moram nas aldeias isolado, mas são igual nós”. Ao dizer que os índios moram nas aldeias isolados “C” traz à tona novamente um dos equívocos da sociedade brasileira em querer achar que todo índio mora ou deve morar nas aldeias, no entanto como foi apresentado anteriormente, temos muitos índios morando na cidade. Os motivos por que ocasionou isso não iremos relatar aqui por ser uma questão ampla e que não é o foco da pesquisa.

Ainda sobre o que pensam em relação aos indígenas da Aldeia Prata, o Entrevistado “D” contou:

O que eu penso a respeito dos indígenas é que se não tivesse índios os fazendeiros já tinham acabado com as nascentes tudo com as derrubadas não existiam cabeceiras não encontrava as reservas que hoje a gente anda vendo graças a eles. Porque os próprios brancos já tinham acabado com tudo fazendeiros só pensam em tomar a reserva pra gramar pastos. Hoje as poucas nascentes já tinham secado tudo por causa do desmatamento eles

tentam preservar muito o solo mais os brancos pensam em tomar mais áreas porque na área tem muitas riquezas que os indígenas vêm preservando tipo as madeiras e as frutas que existe na área indígena.

O que observei, na fala é que o entrevistado “D” tem uma boa convivência e relação com os índios da aldeia Prata que é onde residem. E também o entrevistado tem uma preocupação com as terras indígenas, pois afirma que se as terras fossem destinadas ao agronegócio já teria acabado com as nascentes e as matas. Como destaca Azevedo e Silva (2015) a ação humana passa a danificar o equilíbrio da Terra, promovendo a destruição em massa do mundo vegetal e animal, colocando em risco a extinção de sua própria espécie. Por isso a preocupação do entrevistado, para que as terras indígenas não sejam utilizadas como recurso para ganho de capital.

Um outro aspecto apresentado pelo entrevistado “A” são as relações de amizade existentes entre índios e não índios. Ele narrou: “Aqui neste povoado os índios tem muita comunicação são todos bem recebidos. Eles trabalham aqui no povoado para nós, tudo que queremos deles conseguimos tudo *através do trabalho deles. Por isso somos grandes amigos*”. Compreende-se que a ideia apresentada pelo entrevistado “A” representa o pensamento de boa parte dos moradores do povoado Passarinho acerca dos indígenas, pois este vem de processo habitação, no qual desde crianças os moradores da comunidade têm a convivência com os indígenas. Quando o entrevistado fala que “os índios trabalham pra nos” mesmo hoje sendo diaristas, este pensamento deve estar enraizado ou não no passado quando índios eram escravizados para trabalharem para os fazendeiros, pois acreditavam que por serem nativos seriam mais fortes ao trabalho braçal. Mas Bessa Freire (2016) afirma que os índios estão encravados no nosso passado, mas agora integram o Brasil moderno e hoje, não é possível a gente imaginar o que os índios faziam no passado. Se este pensamento ocorresse com todos os fazendeiros de hoje em dia, de contratar índios para trabalhar, seria um descaso com a população indígena.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou-se promover a discussão acerca da cosmovisão dos moradores do povoado Passarinho em relação aos Apinajé que moram na aldeia Prata no município de Tocantinópolis-TO, com a finalidade de mostrar qual é a visão dos moradores do Passarinho em relação aos indígenas.

Considera-se que os moradores do povoado Passarinho veem os índios como pessoas, companheiro e amigo. Os moradores apresentaram poucas ideias equivocadas sobre os indígenas. Acreditasse que a boa relação com os indígenas vem da proximidade do povoado com o território Apinajé, e da grande circulação dos indígenas dentro do povoado.

Foi possível observar também o principal fator que leva os indígenas para o povoado que é: mão de obra prestada aos moradores exemplo, capinar, roçar e plantar. A mercearia presente no povoado também atrai os indígenas que a frequentam para as compras. O esporte também é outro atrativo, pois equipes indígenas vão até o povoado para jogar futebol.

Podemos identificar nos entrevistados que residem na aldeia Prata à visão que esses têm, sobre os indígenas é bastante complacente e falaram da aldeia como um local pacífico, ou seja, um ambiente saudável, em que se pode ver o afeto e o acolhimento que os indígenas têm com os não índios que moram na aldeia. Nesse sentido a forma cultural dos indígenas resolverem seus problemas tem repercutido na cosmovisão dos moradores do Passarinho por enxergarem isso como algo bom.

Outro aspecto cultural que tem repercutido na visão dos moradores do Passarinho trata-se dos costumes dos indígenas voltados para a preservação da natureza pois os mesmos lutam pela preservação de suas terras, que são visadas pelo agronegócio.

A comunidade mostrou se, ser pacífica no convívio dos indígenas em seu interior. Por meio dessa pesquisa foi possível observar que os moradores do povoado Passarinho demonstram poucos pensamentos equivocados sobre os índios vizinhos e possuem um bom relacionamento e convivência. Um dos equívocos é pensarem que índio mora em aldeia, no entanto sabemos que nos dias de hoje existem indígenas que moram na cidade.

Esta pesquisa de investigação mostrou a importância de se saber o que os moradores do Passarinho pensam dos indígenas e qual sua visão sobre os mesmos. Vivemos em comunidades próximas, mas não sabemos o que cada um pensa a respeito do outro por isso a ideia desta pesquisa foi mostrar para os demais a visão que moradores têm sobre os vizinhos de território que são os Apinajé, deixando brechas para futuras pesquisas acadêmicas realizarem o caminho contrário, pensando como os indígenas Apinajé da Aldeia Prata veem os não indígenas do Povoado Passarinho.

Acredito que para o meu crescimento profissional, como futura docente em escolas do/no Campo, por meio dessa pesquisa, me apropriei de embasamentos teóricos e elementos empíricos de modo que posso desconstruir estereótipos ou situações preconceituosas no ambiente escolar que envolvam povos indígenas.

Espera-se que, este trabalho possa contribuir para possíveis debates não só dentro da comunidade, mas em espaços acadêmicos que discutam a temática das relações entre indígenas e não indígenas.

## REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. *Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica*. História da Educação, ASPHE/ FaE/ UFPel, Pelotas, n.14, p.79-95, set.2003.

ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. (Org.) **Dicionário Escolar Apinayé** - Belo Horizonte-MG, Editora da Faculdade de Letras-UFMG, 80 p, 2012. Projeto do Dicionário Escolar Apinayé.

ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. Os Apinayé: informações sócio-históricas. **Revista de Estudos e Pesquisas**, FUNAI, Brasília, v.4, n.2, p.199-219, dez. 2007.

AZEVEDO, Letícia Freitas; DO NASCIMENTO SILVA, Silvana. Educação ambiental na interface da Educação do Campo. **Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental**. Rio de Janeiro. 2015.

BAUER, Martin W; GASKELL, George (orgs). **Pesquisa qualitativa com Texto, imagem e som**. Tradução de Pedrinho Guareschi. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

COLLET, Célia. PALADINO, Mariana. RUSSO, Kelly. **Quebrando preconceitos: subsídios para o ensino das culturas e histórias dos povos indígenas**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria; Laced, 2014.110p. (Série Traçados, v.3).

COSTA, M. V. (org.). **Estudos culturais em educação**. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

CANEDO, Daniele. **“Cultura é o quê?” - reflexões sobre o conceito de cultura e a atuação dos poderes públicos**. V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura 27 a 29 de maio de 2009 Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil.

CUCHE, Denys. **O Conceito de Cultura nas Ciências Sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. 2 ed. Bauru: EDUSC, 2002.

MATTA, Roberto da. **Um mundo dividido: a estrutura social dos índios Apinayé**. Petrópolis: Vozes, 1976.

ELIAS, N. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro, v.1, Jorge Zahar Editor, 1990.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. Tradução: Sofia Rodrigues, 1.a edição: Março de 2003.

FREIRE, José Ribamar Bressa. "**Cinco idéias equivocadas sobre os índios**". **REVISTA ENSAIOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO** – 2016.2 / VOL. 01. Disponível em: [https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/2534828/mod\\_resource/content/1/Cinco%20ideias%20equivocadas%20sobre%20o%20indio%20.pdf](https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/2534828/mod_resource/content/1/Cinco%20ideias%20equivocadas%20sobre%20o%20indio%20.pdf). Acesso em: 26/03/2018.

FLEURI, Reinaldo Matias. **Desafios de uma política intercultural de educação: a perspectiva desenvolvida pelo Núcleo MOVER (UFSC)**. Pedagogia (UNOESTE). , v.3, p.07 - 40, 2004.

GIL, A .C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, Rauany Lopes; AGUIAR, Rúbia Beatriz Renner de; ALEXANDRE, Ivone Jesus. **O desrespeito as diferenças na cultura indígena**. Revista Eventos Pedagógicos. v.3, n.2, p. 422 - 429, Maio - Jul. 2012.

HALL, S. **A identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

\_\_\_\_\_. Lei nº 6001, de 19 de dezembro de 1973. Estatuto do índio. **Fundação Nacional do índio**. Disponível em: < [http://www.funai.gov.br/quem/legislacao/estatuto\\_indio.html](http://www.funai.gov.br/quem/legislacao/estatuto_indio.html) >. Acesso em: 15 mar. de 2010.

LIMA, Marcus Eugênio Oliveira; ALMEIDA, Alan Magno Matos de. **Representações sociais construídas sobre os índios em Sergipe: ausência e invisibilização**. Jan.-abr. 2010 Vol. 20, No. 45, 17-27.

MATTA, Roberto da. **Um mundo dividido: a estrutura social dos índios Apinayé**. Petrópolis: Vozes, 1976.

MELATTI, Júlio Cezar. **Índios do Brasil**. São Paulo: HUCITEC, 1993.

MCLAREN, P. **Multiculturalismo Revolucionário: pedagogia do dissenso para o novo milênio**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

MCLAREN, P. **Multiculturalismo crítico**. São Paulo: Cortez, 1997.

MUYLAERT, Camila Junqueira; SARUBBI JR, Vicente; GALLO, Paulo Rogério; NETO, Modesto Leite Rolim; REIS, Alberto Olavo Advincula. **Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa**. Rev Esc Enferm USP 2014; 48(Esp2): 193-199 [www.ee.usp.br/reeusp/](http://www.ee.usp.br/reeusp/).

MUSSI, V.P. L; CALDERONI, V.A.M.O. **Culturas e História dos Povos Indígenas**. Editora UFMS, Campo Grande, 2014.

NIMUENDAJU, Curt. **Os Apinayé**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1983.

OLIVEIRA, Vanderlei Mendes de. **Território, Memória Coletiva, Cultura Material e Imaterial Apinaje: Um estudo da etnoarte e dos saberes fazeres**. Disponível em: [http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/ Geografiasocioeconomica/ Geografiacultural/25.pdf](http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geografiacultural/25.pdf). Acesso em: 26/03/2018.

RIBEIRO, Darcy. **Os índios e a civilização**. Global editora. 1970.

RODRIGUES, Wallace. A concepção indígena de “beleza”: o caso dos Apinayé e seus instrumentos musicais. Na Lei 11.645/2008. **Revista História Hoje**, v. 1, no 2, p. 213-22, 2012. **Revista Humanidades e Inovação**. V.4, n. 3 – 2017.

SIMÃO, Adélia Maria Nehme e KOFF. Cotidiano escolar e cultura (s): dialogando com os resultados de uma pesquisa. In: CANDAU, Vera Maria (org). **Educação intercultural e cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

SILVA, Edson. O ensino de História Indígena: possibilidades, exigências e desafios com base na Lei 11.645/2008. **Revista História Hoje**, v. 1, no 2, p. 213-223 – 2012.

WILLIAMS, Raymond. **Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade**. Tradução de Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2007.

**ANEXOS**

## Termo de Consentimento Livre e esclarecido

Prezado (a) Senhor (a),

O (a) Sr (a). Está sendo convidado a participar da pesquisa: “A cosmovisão dos moradores do povoado Passarinho em relação aos indígenas Apinajé da aldeia da Prata em Tocantinópolis-TO” que tem por objetivo Investigar a cosmovisão dos moradores do povoado passarinho, em relação ao povo Apinajé. Essa pesquisa será realizada com critérios de inclusão dos participantes nas características do campo da pesquisa. Não participarão da pesquisa pessoas com critérios de exclusão. Sua participação no estudo consistirá em responder algumas questões durante a entrevista da pesquisa de campo. A entrevista/coleta de dados terá uma duração de mais ou menos 30min. Os riscos com essa pesquisa são mínimos, mas o Sr. tem a liberdade de não responder ou interromper a entrevista em qualquer momento, sem nenhum prejuízo para seu atendimento. O Sr. tem a liberdade de não participar da pesquisa ou retirar seu consentimento a qualquer momento, mesmo após o início da entrevista/coleta de dados, sem qualquer prejuízo. Está assegurada a garantia do sigilo das suas informações. O Sr. não terá nenhuma despesa e não há compensação financeira relacionada à sua participação na pesquisa. Sua participação é importante e voluntária e vai gerar informações que serão úteis para principais resultados esperados da pesquisa imediatos ou não. Este termo será assinado em duas vias, pelo senhor e pelo responsável pela pesquisa, ficando uma via em seu poder.

Acredito ter sido suficientemente informado a respeito do que li ou foi lido para mim, sobre a pesquisa: “A cosmovisão dos moradores do povoado Passarinho em relação aos indígenas Apinajé da aldeia da Prata em Tocantinópolis -TO”.

Discuti com a pesquisadora LARA HANNA RIBEIRO FEITOSA minha decisão em participar do estudo. Ficaram claros para mim os propósitos do estudo, os procedimentos, garantias de sigilo, de esclarecimentos permanentes e isenção de despesas. Concordo voluntariamente em participar deste estudo.

Tocantinópolis-TO \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

---

Assinatura do entrevistado

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido deste entrevistado para a sua participação neste estudo.

Tocantinópolis-TO \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

---

Assinatura do responsável pelo estudo